

O Perspectivismo da percepção em Husserl: Análises em torno de Ideias I

The perspectivism of perception in Husserl: Analyses around Ideas I

Pedro Henrique Santos Decanini Marangoni

 <https://orcid.org/0000-0002-2473-4514>

Danilo Saretta Veríssimo

 <https://orcid.org/0000-0002-7981-3877>

Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho – Campus Assis
Brasil

Resumo

Neste trabalho, examinamos os passos que conduzem Husserl, na obra *Ideias I*, a tratar do modo de doação dos objetos espaciais para a consciência, especialmente no intervalo que compreende os parágrafos §41 e §44. Interessa-nos acompanhar e examinar a formulação do que chamamos de “perspectivismo” perceptivo, consistindo na teorização de que o aparecer dos objetos perceptivos é marcado pela apresentação por perfis (*Abschattungen*). O perspectivismo da percepção aparece sob diversas facetas no percurso da obra. Nossa investigação se dedica a dois momentos importantes de alusão ao perspectivismo perceptivo: na caracterização do índice existencial da realidade como estando “simplesmente aí” na atitude natural e na descrição da unilateralidade do objeto em oposição ao ser absoluto da consciência.

Palavras-chaves: fenomenologia; Husserl; percepção.

Abstract

In this work, we examine the steps that lead Husserl, in *Ideas I*, to deal with the mode of donation of space objects to consciousness, especially on the paragraphs §41 and §44. We are interested in accompanying and examining the formulation of what we call “perceptual perspectivism”, consisting in the theorization that the appearance of perceptual objects is marked by the presentation by profiles (*Abschattungen*). The perspectivism of perception appears in various facets throughout the work. Our investigation is dedicated to two important moments of allusion to perceptual perspectivism: in the characterization of the existential index of reality as being “simply there” in the natural attitude and in the description of the unilaterality of the object as opposed to the absolute being of consciousness.

Keywords: phenomenology; Husserl; perception.

Considerações iniciais sobre a ideia de perspectivismo

Neste artigo, circunscrevemo-nos no campo de estudos fenomenológicos da percepção com o objetivo de analisarmos e discutirmos os passos que conduzem Husserl a formular a teoria de doação por perfis [*Abschattungen*] em sua obra de 1913, *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (Husserl, 1913/1950)¹. De outro modo, nosso propósito pode ser exposto dizendo que trataremos de delimitar os elementos teórico-metodológicos que envolvem a descrição do perspectivismo perceptivo.

De acordo com Husserl, a descrição do modo de doação dos objetos espaciais para a consciência apreende como essencial ao aparecimento perceptivo a unilateralidade, a doação perfilática ou perspectiva dos objetos à consciência. Os objetos se mostram por “perfis”. Não temos, a respeito da coisa percebida, uma apreensão em 360º graus. Como veremos, este perspectivismo fenomenológico proposto por Husserl não coincide com uma espécie de relativismo epistemológico; a doação perspectiva do objeto não implica que o sujeito perceba ou intencione apenas o perfil visível. A percepção é uma modalidade intencional que visa o próprio objeto em carne e osso, e não apenas um de seus lados ou perfis. Esse constitui um dos aspectos centrais do “perspectivismo” que será analisado neste trabalho.

Outro ponto importante de nossa incursão em *Ideias I*, será o de mostrar que este “perspectivismo” não é sinônimo de uma visão existencialista da experiência. A intenção de Husserl não é caracterizar o perspectivismo como produto de nossa condição humana, o que equivaleria a dizer que vemos os objetos perspectivamente em razão de uma incapacidade ou falha constitutiva de nossa percepção.

Assim, o que chamamos de “perspectivismo” é o modo pelo qual Husserl teoriza tanto a doação dos objetos espaciais à consciência, como a maneira pela qual o “ponto de vista” do sujeito é tematizado, o que, como veremos, corresponde a uma reflexão que ainda se localiza no plano da atitude natural.

A tessitura de tudo que compõe uma perspectiva, tanto o ponto de vista do sujeito, quanto o modo de doação da coisa e, enfim, a correlação entre ambos, aparece sob diversas luzes no percurso realizado por Husserl, em *Ideias I*². A teorização sobre o caráter perspectivo da aparição perceptiva está presente, em *Ideias I*, desde menções ao “situacionismo” da orientação natural, na qual estamos imersos e voltados a uma objetividade partilhada intersubjetivamente, na qual cada sujeito visa “o” mundo a partir de seu *situs* individual; migrando para considerações de ordem eidética, momento em que se está em jogo uma delimitação da essência da

¹ Doravante referenciado como *Ideias I*. A versão de *Ideias I* utilizada neste trabalho refere-se à tradução francesa feita por Paul Ricoeur, publicada em 1950.

² No entanto, *Ideias I*, este “perspectivismo” não tratar-se-á de um sinônimo ou mesmo produto de uma visão fática ou existencialista da experiência. A intenção de Husserl não é caracterizar o perspectivismo como produto de nossa condição humana, o que equivaleria a dizer que vemos os objetos perspectivamente em razão de uma incapacidade ou falha constitutiva de nossa percepção.

consciência em geral, até a passagem para o plano propriamente transcendental, domínio da consciência pura desvelada pelo complexo de reduções. Como veremos, a menção ao “perspectivismo” possui uma conotação de ordem “eidética” e “fenomenológica”, uma vez que se trata de mostrar como Husserl aborda o problema da variação perceptiva, ligado à relação entre identidade e multiplicidade, dentro de sua preocupação em delimitar a essência da consciência em geral.

A discussão será conduzida nos planos da orientação natural e da análise eidética. O perspectivismo será tratado nas reflexões que antecedem a entrada propriamente dita no terreno da redução transcendental, sendo caracterizadas por uma análise eidética dos vividos em geral.

O perspectivismo entre fato e essência

No livro *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (Husserl, 1913/1950), a tarefa central que se impõe a Husserl é o desvelamento do campo da consciência pura, a região originária do ser, a partir do exercício metodológico de despimento gradual e sistemático das teses da orientação natural, via diversos tipos de procedimentos redutivos (redução eidética, fenomenológica e transcendental). Isto significa, como tentaremos mostrar, que as descrições a respeito do perspectivismo designam um caminho descritivo que começa na estrutura fenomenológica da coisa, detalhando a essência da manifestação perceptiva, para que se possa passar à essência dos vividos da consciência. O perspectivismo é assim um enunciado de essência que cumpre, no interior da obra, a função de preparar a diferença entre *coisa* e *vivido*, para que se possa demarcar a consciência como região originária do ser.

Se o perspectivismo perceptivo é um enunciado de essência, ser-nos-á necessário mostrar como ele aparece, desde o início de *Ideias I*, no âmbito da diferenciação conceitual entre fato e essência. A compreensão desta diferença é fundamental para que possamos analisar posteriormente os argumentos cabais de Husserl a respeito da diferença entre o modo de manifestação da coisa e o modo de manifestação dos vividos.

Iniciando o trajeto em *Ideias I*, e considerando a necessidade desta clarificação para a discussão futura, tão logo observamos que, desde o §3, intitulado *Visão de essência e intuição individual*, a referência ao perspectivismo emerge no seio da distinção metodológica feita entre intuição empírica e intuição de essência. Intuições empíricas são percepções voltadas à apreensão de fatos situados na espaço-temporalidade do mundo natural. O objeto é visado como indivíduo empírico e possui exatamente esta forma, com tal conteúdo e cor, localiza-se neste ponto do espaço e tempo, parece devido a processos químicos, biológicos etc. Percebo meu caderno à minha frente, em sua retangularidade, como um certo objeto funcional, com sua chamativa cor roxa e páginas quadriculadas. Posso rasgá-lo, queimá-lo, ou registrar minhas ideias em suas páginas. Sua existência empírica

pode, conseqüentemente, ter um fim ou sofrer inúmeras modificações. Esta "facticidade" do mundo, entendida por Husserl como possibilidade sempre aberta de que as coisas sejam diferentes, não é, ela própria, também explicada por fatores contingentes, mas é reportada em seu cerne a uma "necessidade eidética" (Husserl, 1913/1950, p. 17, §2). Haveria, nesse sentido, uma relação de solidariedade entre fato e essência: a parte de seus caracteres mutáveis ou acidentais, todo objeto contingente ou empírico pode ser pensado a partir de um núcleo ou uma essência que instituem a base de sua facticidade. Conforme nos explica Husserl:

Um objeto individual não é meramente individual, um 'este aí', que não se repete; sendo 'em si mesmo' de tal e tal índole, ele possui sua especificidade, ele é composto de predicáveis essenciais que têm de lhe ser atribuídos ('enquanto ele é como é em si mesmo') a fim de que outras determinações secundárias, relativas, lhe possam ser atribuídas" (Husserl, 1913/1950, p. 17, §2).

A apreensão de uma essência, assim como a apreensão de um objeto ideal, como o número 3, requer um outro tipo de método, não mais centralizado na intuição empírica ou na visada direta do material sensível, mas que seja capaz de apreender objetos essencialmente atemporais e a-espaciais. Essências não são objetos passíveis de apreensão por via do mesmo tipo de intuição que adere ao mundo sensível. Antes, elas se enquadram no domínio daquilo que Husserl (1901/1963) denomina, em *Investigações lógicas*, de intuição categorial.

De modo geral, a intuição categorial refere-se à relação entre parte e todo que se estabelece por meio de um juízo, como quando digo: meu caderno roxo está sob a mesa. A experiência categorial é uma experiência racional e analítica que constitui os objetos em uma camada mais complexa do que aquela proporcionada pela percepção. Conforme explica Sokolowski "na fenomenologia, constituir um objeto categorial significa trazê-lo à luz, enunciá-lo, trazê-lo para o primeiro plano, realizar a sua verdade" (2004, p.103). Pelo conceito de intuição categorial, Husserl mostra que a intuição não é apenas sensível – intuimos não só objetos diretamente acessíveis pela percepção como também intuimos estados de coisas, que são os correlatos noemáticos dos juízos, e objetos ideais ou abstratos como a raiz quadrada de 4, o conceito de justiça etc. As intuições simples são o solo necessário para o surgimento das intuições categoriais. Todavia, estas últimas não permanecem apenas no âmbito sensível. Na expressão: "o caderno roxo está sob a mesa", os termos "caderno" e "roxo" são objetos perceptíveis, ao passo que o verbo "ser" não apresenta correlato sensível. Compreende-se, neste ponto, que os atos perceptivos tão somente não são suficientes para explicar a apreensão de objetos complexos ou de estados de coisas. Atos categoriais articulam-se em juízos que expressam relações entre o todo e as partes do objeto. Em um primeiro nível de percepção, o objeto apresenta-se emaranhado em suas qualidades, sem que haja o destaque imediato de um de seus aspectos. Em um segundo nível, há uma mudança atencional que focaliza uma parte ou aspecto do objeto – a "roxidão" de

meu caderno, por exemplo. Essa reestruturação do objeto dá ensejo à formação de um juízo que envolve a emergência de uma diferença ou o destacamento de um aspecto: o caderno é roxo, mas também possui partes amarelas, é grande, desgastado etc.

Retornando ao contexto de *Ideias I*, Husserl designa como visão de essência (*Wesensschau*) o método que permite extrapolar dentre as qualidades acidentais do objeto seu núcleo invariável, isto é, sua essência. Acabamos de dizer: a apreensão das essências recorre a um outro tipo de intuição que excede a manifestação sensível, visto que uma essência não é um objeto empírico ou contingente. Ainda assim, Husserl compreende que a essência não foge à esfera objetual e tampouco se elude de uma apreensão intuitiva (Husserl, 1913/1950, §3). Ao contrário, ao adentrar no domínio eidético é com um novo objeto que nos deparamos e que, tal como o objeto empírico, também pode ser visado por uma intuição, não mais sensível e sim categorial ou eidética.

Esta apresentação preparatória nos habilita a explorar o sentido que o tema do perspectivismo recebe no §3. Finalmente, e ainda no §3, Husserl afirma que a intuição de essência (*Wesenschau*) se desdobra em dois tipos: as intuições adequadas e as inadequadas. Neste contexto, a adequação parece designar um modo de apreensão cuja característica é o “esgotamento” do objeto – tal como na intuição de um som por exemplo. A utilização do verbo “esgotar” (*épuiser*) por parte de Ricoeur (Husserl, 1913/1950, p. 20, §3), em suas notas de tradutor para a versão francesa, nos leva a crer que, desde já, a adequação designa um modo de apreensão voltado a objetos cujo aparecimento identifica-se à própria estrutura de seu ser. A apreensão intuitiva chamada de “inadequada”, por outro lado, capta a essência da manifestação própria às coisas espaciais, que se exibem ou se mostram de maneira perspectiva ou lateral. Retroativamente, portanto, essências adequadas podem ser definidas de maneira negativa: elas referem-se a objetos que não se doam perspectivamente. Assim, já se esboça no §3 uma primeira ideia de perspectivismo: “basta por ora a indicação de que mesmo a forma espacial de uma coisa física só pode ser dada, por princípio, em meros perfis unilaterais [*Abschattungen*] [...]” (Husserl, 1913/1950, p. 21, §3).

Eis aqui a primeira menção a uma importante ideia, que compõe a base de toda a discussão subsequente sobre o perspectivismo perceptivo: a noção de perfil³ (*Abschattung*). Etimologicamente, o termo *Abschattung* refere-se à ação segundo a qual algo se torna sombreado, mostrando-se de maneira parcial (English, 2009). Nas traduções francesas, optou-se pelo vocábulo *esquisse* cuja significação, em português, assemelha-se à ideia de “esboço”, tal como o “esboço” de um desenho por exemplo. Em suas notas de tradutor, Ricoeur considera que a escolha por “esboço” [*esquisse*] passa “a ideia de uma revelação fragmentária e progressiva da

³ Para uma compreensão da teoria de doação por perfis no panorama da obra de Husserl, recomendamos o trabalho de Veríssimo (2016).

coisa” (Husserl, 1913/1950, p. 132, §41)⁴. A escolha francesa por *esquisse* realça, justamente, a ideia de algo que se forma no horizonte – um esboço (English, 2009). No entanto, é comum que a menção às *Abschattungen* seja feita, em português, por meio do vocábulo “perfil”, conforme consta na tradução brasileira de *Ideias I* (Husserl, 1913/2006). Uma outra opção de tradução do vocábulo *Abschattungen* para o português consiste no emprego do termo “adumbramento”. Esta alternativa aparece, sobretudo, nas traduções realizadas por estudiosos portugueses da obra de Husserl, como Carlos Morujão e Pedro Alves. O termo “adumbramento” assemelha-se ao inglês “adumbration” e tem a qualidade de resguardar o sentido original relacionado ao ato de “sombrear” algo, presente em “Schatt”. Sobre o modo de manifestação por perfis, Husserl escreve:

é da conformação própria de certas categorias eidéticas que suas essências só possam ser dadas por um lado e, subsequentemente, ‘por vários lados’, jamais, porém, ‘por todos os lados; correlativamente, as singularizações individuais a elas correspondentes só podem, portanto, ser experimentadas e representadas em intuições empíricas inadequadas, ‘unilaterais. Isso vale para toda essência referente à coisa (Husserl, 1913/1950, p. 21, §3).

Embora o autor antecipe uma descrição do inacabamento da coisa espacial na percepção desde o terceiro parágrafo da obra, o sentido profundo dessa análise eidética só será explorado na segunda seção, no período que compreende os parágrafos §41 a §44. Estas partes específicas são identificadas por Granel (1968/2012) como o espaço em que Husserl oferece uma doutrina do real enquanto “real esboçado” (*réel esquissé*). Deve-se observar que desta breve amostra de uma eidética da coisa espacial até as análises que serão desenvolvidas entre os §41 a §44, e que apresentaremos posteriormente, o perspectivismo aparecerá no interior de reflexões dedicadas à atitude natural. Dediquemo-nos a elas neste momento.

O perspectivismo na orientação natural

Tanto na vida pré-científica e cotidiana quanto na posição teórica que se assume pela reflexão o mundo é visado como polo absoluto de nossas intenções. A percepção sensível encontra objetos que nos aparecem sob um determinado índice existencial, como estando “simplesmente aí”, em uma disponibilidade original e, aparentemente, alheia ou indiferente às nossas possibilidades de apreensão. Esta “orientação ou atitude natural” consiste, segundo Husserl, em uma tese implícita, não formulada, que anima toda visada consciente, fazendo-a gesto em direção a um mundo sempre presente – mesmo quando não diretamente esquadrihado pelos poderes da atenção. Conforme explica Bimbenet: “A atitude natural é esta

⁴ Além, disso, o autor assinala que a tradução poderia ter sido feita a partir de outros vocábulos, como: perfil [*profile*], aspecto [*aspect*], perspectiva [*perspective*], embora, em francês, tais termos não se dêem como verbos. No caso de “esquisse” tem-se o verbo “s’esquisser” (esboçar-se) (Husserl, 1913/1950, p. 132, §41).

crença fundamental segundo a qual percebemos o próprio ser, e não o ser para nós” (Bimbenet, 2012, p. 252). A transição do perspectivismo da análise eidética ao plano da consciência pura, aberta pelo exercício da redução, só pode ser caracterizada em referência à orientação natural – a crença implícita que alimenta o realismo ingênuo no nosso contato com o mundo.

Não se trata, importante dizer, de compreender a atitude natural como uma tese no sentido de uma atividade de explicitação, ou de uma tomada de posição judicativa (Husserl, 1913/1950, §31). Trata-se, isto sim, de uma crença fundamental, que não necessita ser tematizada, ou transformada em juízo, para existir. Esta “atitude natural” subjaz ao mundo das experiências em todas as suas formas – da prática à teórica, apresentando-nos o mundo percebido sob o caráter existencial de uma presença “maciça” e inalienável. A tese natural é o “denominador comum” (Gurwitsch, 2002, p. 87) de todas as atividades mentais e estabelece a implícita aceitação no caráter existencial do mundo como “estando aí”. Tal uso da tese é implícito, precisamente, na medida em que o sujeito não se apossa dela como um objeto de reflexão.

A tese da orientação natural se infiltra em todo ato da consciência empírica e se expressa ao influenciar dois caracteres específicos da manifestação do mundo: a dimensão de disponibilidade originária do mundo face às nossas intenções – o “caráter do aí” que impregna toda apresentação do mundo (Husserl, 1913/1950, p. 96); e a dimensão de sua objetividade, o fato de que a pluralidade das experiências e a existência de outros eus-sujeitos transcorre e visa coisas sob o teto de uma mesma “morada” – “o” mundo. Esta “disponibilidade” sob a qual o mundo se mostra na orientação natural não se estende apenas aos objetos que caem sob a luz projetada pelo campo de percepção atual. Igualmente, estão disponíveis como efetividades os objetos que ocupam o halo de indeterminação que circunda os raios atencionais. Dessa maneira, não obstante o aspecto elucidativo da atenção, que faz variar os graus de clareza na apreensão dos objetos, o campo das indeterminidades ou obscuridades da consciência também se apresenta sob a insígnia da disponibilidade. Enquanto disponíveis, os objetos que não mantenho sob o foco da atenção são sempre alvos possíveis de uma intuição clara. Segundo Husserl: “na consciência desperta eu sempre me encontro referido a um único e mesmo mundo, sem jamais poder modificar isso, embora este mundo varie em seu conteúdo” (Husserl, 1913/1950, p. 90, §28).

O que nos interessa, neste instante, é mostrar como na orientação natural, caracterizada pela crença fundamental no caráter existencial do mundo como totalidade prévia e excedente à subjetividade, a disponibilidade do real não constitui somente um atributo dos objetos que se encontram sob o olhar da consciência. O campo da co-presença, assim como o domínio dos dados indeterminados, já está envolto pela possibilidade de ser determinado, isto é, trazido à atualidade, ainda que, segundo Husserl (1913/1950, §27), o horizonte de indeterminação se ex-

panda infinitamente. Além disso, Husserl salienta que a disponibilidade dos objetos na atitude natural não se restringe aos objetos físicos, às coisas, mas se estende ao mundo prático-valorativo. As coisas estão impregnadas de qualidades que são “constitutivas dos objetos ‘disponíveis como tais’, quer eu me volte, quer não, para eles e para os objetos em geral” (Husserl, 1913/1950, p. 90, §27). Na atitude natural, as diversas expressões da vida da consciência como os atos de contar, descrever, coligar, ou ainda, no domínio afetivo, o prazer e a dor, constituem-se referenciadas ao mundo circundante.

Toda esta riqueza figurativa da consciência, enquanto posição de um objeto, é concernida, segundo Husserl, pela expressão cartesiana *cogito*. O *cogito*, para Husserl, qualifica todo ato consciente dado sob o modo da atualidade. Lembro de minha família agora e, neste momento, este lembrar ocupa um lugar central no meu fluxo de vivências. É válido salientar que as reflexões aqui apresentadas ainda estão no contexto da atitude natural. Uma significação muito mais profunda do *cogito* ainda será apreendida no seio da análise eidética. O que está em jogo é demonstrar como na atitude natural toda forma de visada atual da consciência está inextricavelmente ligada ao mundo, ainda que não visemos objetos passíveis de serem encontrados no mundo natural.

A referência ao *cogito* não implica uma defesa do solipsismo, a possibilidade da existência de apenas uma única consciência, mas sinaliza para a caracterização de um modo de ser fundamental à consciência em geral: ser enquanto movimento em direção a algo. Além desta diferença no sentido do *cogito*, Husserl sublinha como o perspectivismo das experiências individuais não solapa a objetividade do mundo, sua apresentação como uma unidade frente a uma multiplicidade de diferentes perspectivas ou pontos de vista. O problema da constituição intersubjetiva da objetividade não é, no entanto, devidamente desenvolvido por Husserl em *Ideias I*, conforme observa Ricoeur em suas notas de tradutor (Husserl, 1913/1950, p. 93, § 29). Sua breve menção, por outro lado, nos reforça a necessidade de explorar a indissociabilidade entre perspectiva e objetividade. O perspectivismo, na orientação natural, nada mais é senão a própria facticidade, ou situação pela qual o sujeito se dirige ao mundo enraizado em um ponto de vista. É o que parece expressar Husserl na seguinte citação: “Cada um tem seu lugar, a partir do qual vê as coisas disponíveis, e respectivamente ao qual elas se manifestam diferentemente para cada um deles” (Husserl, 1913/1950, p. 93, § 29)⁵. Na atitude natural, estamos concernidos direta e profundamente com a realidade a partir de nossos atos de sujeitos empíricos, envolvendo-nos em um mundo que, desde sempre, é vivido como uma entidade disponível e efetiva. Mesmo a dúvida ou a incerteza em relação a certos aspectos da realidade não é suficiente para que a tese da orientação

⁵ Em um momento posterior da obra, no § 151, Husserl propõe-se a pensar “níveis” de constituição da coisa, desde a aparição desta para um único fluxo de consciências, até um “nível superior”, em que está em jogo “a coisa intersubjetivamente idêntica” (Husserl, 1913/1950, p.508; §151).

natural, alicerce fundamental de todo ato, seja também posta em dúvida.

Encontro constantemente à disposição, como estando frente a frente comigo, uma efetividade espaço-temporal da qual eu mesmo faço parte, assim como todos os outros homens que nela se encontram e que de igual maneira estão a ela referidos. Eu encontro a 'efetividade', como a palavra já diz, estando aí, e a aceito tal como se dá para mim, também como estando aí. Toda dúvida e rejeição envolvendo dados do mundo natural não modifica em nada a tese geral da orientação natural. "O" mundo sempre está aí como efetividade [...] (Husserl, 1913/1950, p. 96, §30).

A tensão entre o relativismo do ponto de vista e a objetividade na atitude natural, que se torna evidente em virtude da análise reflexiva, não é formulada na espontaneidade e concretude do acesso ao mundo. Dirijo-me "ao" mundo sem precisar nem colocar em questão toda a maquinação consciente ou intencional que me permite visar algo para além de mim mesmo e sem, tampouco, balizar a certeza de meu acesso a partir de uma constante comparação com a experiência de outrem.

Todo esse sistema, eu-mundo-outrem, nos coloca face a uma objetividade que é espontaneamente apreendida em suas múltiplas aparições. Resta ao trabalho fenomenológico suspender o circuito operante da tese natural para que se possa descrever o sentido deste acesso, desta disponibilidade e presença inalienável enquanto correlata de todo um trabalho secreto da consciência.

A preparação para a análise eidética: notas sobre a *epoché* fenomenológica.

Uma tal tarefa será realizada sob a tutela da *epoché* fenomenológica (Husserl, 1913/1950, §31). A *epoché* torna viável uma descrição da essência da correlação entre consciência e mundo⁶ à medida que se esforça para suspender a crença fundamental na validade ontológica do mundo enquanto existente em-si. A tese que assegura o caráter existencial do mundo infiltra todo ato de consciência, independente da atitude assumida, mesmo nos casos em que a posição do objeto é duvidosa, já que os tipos "duvidoso", "problemático", "incerto" são caracteres existenciais que derivam de uma tipologia existencial mais primordial: a existência pura e simples (Gurwitsch, 2002, p. 86). A redução fenomenológica consiste, portanto, em uma "parentetização" (Husserl, 1913/1950, p. 102, § 32) ou inibição na atuação da tese da orientação natural, pela qual o mundo é apreendido sob os índices existenciais de "simplesmente aí", como "dado" ou "disponível". Esta *epoché* fenomenológica representa o primeiro passo rumo à clarificação dos elos

⁶ Parece-nos que uma boa forma de definir a correlação *a priori* na fenomenologia transcendental encontra-se na seguinte citação de Gurwitsch: "Todo objeto, em qualquer domínio mundano que ele pertença, implica e pressupõe necessariamente a consciência, ou, melhor dizendo, os atos pelos quais ele aparece como aquilo que acontece em nossa vida. A consciência se revela assim como um meio universal de apresentação dos objetos, como um domínio o qual todos os domínios mundanos reenviam necessariamente" (1957, p. 131).

intencionais que vinculam subjetividade e objetividade. Conforme Husserl atesta em um parágrafo posterior: “Colocar a natureza fora de circuito foi para nós o meio metódico de possibilitar que o olhar se voltasse para a consciência transcendental pura” (Husserl, 1913/1950, p. 187, §56).

A redução fenomenológica não se subsume à negação da realidade natural e, nessa medida, não se assemelha ao procedimento da dúvida cartesiana, mas configura uma alteração ou uma suspensão no índice existencial do mundo, o qual é marcado pela experiência da transcendência enquanto efetividade. Eis a tarefa que se impõe à atitude fenomenológica, conforme delineia Husserl:

Seguiremos nestes estudos. Exclui-se a região do “natural”. O interesse no mundo como fato é substituído ao interesse no mundo como eidos. Nesse movimento, torna-se mais claro o propósito da redução: desvelar uma nova região do ser que, como vimos, diz respeito à consciência pura (Husserl, 1913/1950, p. 106, §33).

A consciência pura representa a proto-região do ser, a dimensão originária à qual encontram-se referidas todas as outras regiões do ser (Husserl, 1913/1950, §76). Ela é o “resíduo fenomenológico”, ou a resposta à pergunta: o que resta após o procedimento da redução? A delimitação do campo da consciência pura, a qual Husserl também denomina de consciência transcendental, é gradual e multifacetada. Quer dizer, a passagem da atitude natural para a atitude fenomenológica não se transcorre no espaço de um salto, mas envolve uma gradativa *mise-en-scène* de “passos” ou “pistas” metodológicas que auxiliam o filósofo a aproximar-se do domínio purificado. Tratar-se-iam, mesmo, de “reduções fenomenológicas” (Husserl, 1913/1950, p. 109, §33) e não somente da atuação de um dispositivo intermediário que conduziria, sem grandes obstáculos, a atenção da atitude natural à orientação fenomenológica. O acesso à consciência purificada, também chamada de consciência transcendental, exige a colocação em ação do procedimento da *epoché*. Mas, até aqui, a investigação inicial acerca do sentido geral da consciência ainda é realizada fora de seu alcance, conforme adverte Husserl no §33:

Mantemos, pois, o olhar firmemente voltado para a esfera da consciência e estudamos o que nela encontramos de modo imanente. Antes de tudo, ainda sem excluir fenomenologicamente os juízos do circuito, submetemo-los a uma análise eidética sistemática, embora ainda não de todo exaustiva. Aquilo de que indispensavelmente precisamos é certa evidência geral sobre a essência da consciência em geral (Husserl, 1913/1950, p. 107, §33).

Passemos então à explicitação do exercício de circunscrição do *eidos* da consciência, ainda anterior à redução. Esta aparente “digressão” ou desvio da coisa espacial para a consciência, na verdade, constitui a estratégia mesma que conduzirá Husserl a uma reflexão mais detida sobre o modo de ser da coisa espacial e nos colocará de frente à posição principal do perspectivismo na obra.

A análise eidética dos vividos

O sentido primário de consciência adotado pelo autor e apresentado no âmbito destas reflexões prévias à redução transcendental, como vimos, corresponde àquilo que Descartes designava por *cogito*. O “eu penso” engloba todas as modalidades de inflexão da consciência em direção a um objeto – tais como percepções e desejos por exemplo. O *cogito* Husserliano é, em primeiro lugar, um “*cogito vivo*” (Husserl, 1913/1950, §28) – a consciência irrefletida que acompanha todo ato expresso do pensamento. Neste sentido, o *cogito* não vê luz apenas por meio de uma formulação reflexiva. De acordo com Ricoeur, em suas notas de tradutor, “o *cogito* pré-reflexivo é a intencionalidade que se ignora ainda. A reflexão ainda não será a redução e não separará somente a ‘região’ consciência” (Husserl, 1913/1950, p.91). É importante ressaltar que, no §28, Husserl associa o *cogito* a “toda forma fundamental de vida atual”, representações, percepções e desejos, por meio dos quais nos ocupamos de objetos – sejam eles exteriores ou imanentes. Aquilo que é visado no *cogito*, como quando percebo uma mesa, por exemplo, não integra a *cogitatio*, mas é, na verdade, diferente desta no sentido em que é *cogitatum*, não o vivido, mas objeto visado.

A todo gênero de vividos que porta a referência a algo Husserl denomina de “vividos intencionais” (Husserl, 1913/1950, p. 116, § 36). A direção ao objeto que caracteriza o vivido intencional não se constata na forma de um vínculo psicológico – uma referência real ou natural da consciência à coisa. No nível da análise eidética, a referência revela-se como uma “necessidade incondicionada” dos vividos, como algo que os constitui internamente, em sua essência e que nela está contida *a priori*. Nas palavras do filósofo: “Na própria essência do vivido não está contido apenas que ele é consciência, mas também do que é consciência, e em que sentido determinado ou indeterminado ela o é” (Husserl, 1913/1950, p. 116, §36).

Todo vivido de percepção tem como seu correlato, essencialmente, o percebido, assim como em toda rememoração aquilo do que se tem consciência é o lembrado etc. O fluxo de consciência, no entanto, não é constituído apenas de vividos intencionais. Dele fazem parte, também, certos componentes do vivido que não são propriamente intencionais, como os dados da sensação, por exemplo. As sensações, assinala Husserl, são “suporte da intencionalidade”, mas são, elas próprias, destituídas de uma referência intrínseca a algo (Husserl, 1913/1950, §36). Elas são o material sob o qual uma atividade animadora irá se sobrepor a fim de que se possa ter referência a “algo”. A suposição de uma camada de sensações desprovida de intencionalidade deve ser distinta da qualidade enquanto aspecto inerente ao objeto. O marrom escuro de minha mesa de trabalho é diferente, nessa medida, da sensação de “marrom”, componente real da consciência, que funciona, segundo Husserl (1913/1950, §36) como “conteúdo exibidor” da qualidade do objeto após a atividade doadora de sentido.

Este é um dos pontos mais importantes do perspectivismo Husserliano: a assunção de que o sensível não é intencional, exigindo uma atividade de segunda ordem para a formação de um objeto intencional. Vejamos, antes de entrarmos em mais detalhes sobre a composição sensação/vivido intencional, como o autor define a percepção de coisa em contraste com a percepção imanente.

No §37, Husserl considera a possibilidade de princípio de uma conversão do “olhar do eu puro” em direção às suas próprias *cogitatio*, apreendendo-as como objetos. Dissemos que a consciência não se limita a sua forma cogitativa: deve-se reiterar que “o fluxo de vividos jamais pode consistir de puras atualidades” (Husserl, 1913/1950, p. 114, §35). O que está em questão, para Husserl, é afirmar que toda visada atual é circundada por um “halo de intuições de fundo” que, tal como o ato cogitativo atual, também integra o campo da intencionalidade, sendo consciência de alguma coisa. Pertence, portanto, à essência dos vividos a dinâmica que remete o atual ao possível e vice-versa, de modo que todo vivido atual ou determinado tornar-se-á inatual, compondo uma espécie de background para outros atos que ocuparão o lugar do *cogito*. De acordo com o filósofo: “Toda *cogitatio* pode tornar-se objeto daquilo que chamamos de percepção interna e, posteriormente, objeto de uma avaliação reflexiva, de uma aprovação ou desaprovação, etc.” (Husserl, 1913/1950, p. 122, §37).

Isto significa que os vividos irrefletidos, componentes inatuais do fluxo, podem ser tematizados a partir de um gênero específico de percepção, denominada por Husserl de percepção imanente ou interna (Husserl, 1913/1950, §38). Os vividos intencionais imanentes são caracterizados por apreender como objetos as vivências contidas dentro do mesmo fluxo de vividos. O objeto intencional de uma visada imanente é sempre um outro vivido, seja ele intencional ou não, o que indica que “a consciência e seu objeto formam uma unidade individual unicamente constituída por vividos” (Husserl, 1913/1950, p.122, § 38). É da essência de um vivido a identificação entre seu ser e seu aparecer, ou seja, “o ser de um ato de consciência é um com seu ser vivido, quer dizer, com seu aparecer” (Gurwitsch, 2002, p. 343). No plano da percepção imanente, o percebido (o visado) e a percepção (o ato) formam uma unidade indissociável, em que há uma inclusão real ou uma relação de dependência entre os vividos. Tanto a percepção imanente é um gênero particular de percepção direcionada ao próprio fluxo de consciência quanto o modo de manifestação dos vividos é absoluto, visto que não há distinção entre seu ser e seu aparecer.

Há de se considerar ainda a percepção tal como voltada à transcendência, especialmente na forma de percepção espacial, o que nos remete prontamente ao que já fora indicado no §3 acerca da inadequação da categoria eidética da “coisa”. Os vividos dirigidos de forma transcendente visam dados que não estão inclusos de maneira real na consciência, já que não constituem o tecido formado por sensações e vividos intencionais. Nesta categoria de percepção transcendente estão os atos

dirigidos aos vividos de outros sujeitos, assim como os atos dirigidos a objetos em geral, sejam eles reais ou não. A respeito da percepção transcendente, Husserl esclarece que não se observa essa estrutura de “inclusão real”, haja vista que o objeto percebido ou visado não compartilha do mesmo gênero de existência do ato – eles não formam uma unidade essencial, ainda que estejam essencialmente referidos. Conforme explica o autor no §41: “É evidente, então, que intuição e intuído, percepção e coisa percebida estão reciprocamente referidos em sua essência, mas não são, em necessidade de princípio, nem uma coisa só, nem estão ligadas, realmente e por essência” (Husserl, 1913/1950, p. 131, §41).

A análise eidética da manifestação perceptiva

Acentuemos a distinção entre os modos de manifestação dos vividos e a estrutura de aparecimento da coisa na percepção. Vimos que, no §3 de *Ideias I*, a essência da percepção de coisa reside em uma forma específica de doação à consciência, marcada pela inadequação ou pela apresentação perspectiva do objeto espacial. De modo distinto à identificação entre ser e aparecer que determina a essência dos vividos como uma doação adequada, todo objeto transcendente é um desfile de lados ou aspectos que carrega em sua essência um horizonte de indeterminação. A árvore que vejo de meu quarto se apresenta, em uma percepção particular, de um certo lado, sob uma certa luz, enredada por uma determinada paisagem perceptiva que me abre a possibilidade de vê-la sob um outro ponto de vista. É patente que aquilo que aparece não esgota a totalidade daquilo que é o objeto percebido — resta sempre uma zona de indeterminação para além do intuído.

Nessa medida, no projeto de *Ideias I*, a percepção de um objeto espacial é parcial e contingente, pois aquilo que se mostra pode sempre revelar novos aspectos que frustrem a concreção dos perfis em uma unidade coesa. Se tomo como objeto de minha exploração perceptiva uma mesa, posso visá-la de infinitas maneiras, afastando-a, ou me aproximando, vendo-a por cima, ou observando sua estrutura interna por baixo, de modo que, resta-me tanto a opção de variar seus aspectos indefinidamente ou intensificar a apreensão atenta no interior de um mesmo aspecto. Neste processo, a unidade do objeto mesa poderia ser deturpada se descobrisse que sua parte de baixo não é composta por pernas de madeira, mas por pessoas segurando sua tábua.

No entanto, embora o objeto seja sempre aberto à dúvida e à possibilidade de não-ser, a multiplicidade perspectiva não desintegra sua unidade; em toda a variação perceptiva, que tenha como condição a coerência dos aspectos dados, é ainda “a” mesa, como o objeto idêntico no decorrer da exploração, que é visada. Por outro lado, a percepção ela mesma se altera a todo instante; ela é, conforme qualifica Husserl, “uma continuidade de percepções cambiantes” (Husserl, 1913/1950, p. 131, §41).

Da consciência empírica de uma mesma coisa, que abrange 'todos os aspectos' desta e se confirma em si mesma numa unidade contínua, faz parte, por necessidade de essência, um sistema multifacetado de contínuas diversidades de aparências e perfis, nas quais se exibem ou perfilam em continuidades determinadas todos os momentos objetivos que entram na percepção com o caráter daquilo que se dá a si mesmo em carne e osso (Husserl, 1913/1950, p. 132, §41, grifos do autor).

Se, por um lado, o objeto transcendente se "exibe" ou se "mostra" a partir dos seus aspectos, vindo à tona com base na síntese dos dados das sensações, por outro, os vividos não possuem nenhuma lacuna entre seu ser e aparecer. A exibição perspectiva implica que outros aspectos do objeto se "escondam" e constituam a face invisível daquilo que se apresenta à consciência. Nota-se, portanto, que o modo de doação dos objetos espaciais carece desta "absolutidade" que fundamenta o ser dos vividos. Uma vez que o ser da coisa percebida se recobre ao mesmo tempo que se exhibe, o aspecto presente não esgota a totalidade do ser percebido e tampouco é apenas uma imagem ou uma representação do objeto. Sob tal luz, a percepção de coisa diferencia-se essencialmente da percepção imanente, visto que esta última "faz parte, por princípio, da essência regional 'vivido' [...], mas não da essência da coisa no espaço" (Husserl, 1913/1950, p. 135, §42). A discussão do par imanência-transcendência revela um desnível ontológico original entre a esfera dos vividos, própria da consciência, e a esfera da realidade, o domínio da "coisa": "Surge, pois, a distinção eidética fundamental, entre ser como vivido e ser como coisa", conclui Husserl (1913/1950, p. 135, §42).

No §44, Husserl qualifica de modo mais proeminente o ser transcendente como aquilo que não integra a consciência a título de componente real. Ali é apresentada uma dupla conceitual que constitui o núcleo do "perspectivismo" husserliano, a saber, as ideias de inadequação e indeterminação.

Inadequação e Indeterminação

Observamos anteriormente que a inadequação está na essência do perspectivismo perceptivo e nomeia o modo de manifestação marcado pela apresentação perfilática ou lateral do objeto. Neste ponto, há uma ressalva fundamental a ser feita. Segundo Husserl (1913/1950, §44), deve-se evitar atribuir o perspectivismo da experiência a fatores contingentes de nossa constituição psicofisiológica. Uma tal vertente explicativa asseguraria que o modo perspectivo de perceber decorre da especificidade de nossa existência empírica. Pressupõe-se, logo, que o perspectivismo seria um fato vinculado ao modo de ver humano. Daí uma consequência importante: se a nossa constituição psicofisiológica marca o perspectivismo como regime perceptivo humano, isto significa que outras constituições fisiológicas ou metafísicas, como a percepção de um marciano ou mesmo de Deus, apresentariam o mundo fora dos ditames da doação por perfis.

Para Husserl (1913/1950, §43), conceber uma percepção passível de apreender o objeto em doação adequada, visto de todos os lados em um só golpe, é um dos “erros de princípio” que se pode cometer ao tomar a percepção como objeto de estudo. Tal fosse o caso, recairíamos em uma perspectiva de sobrevoo sob o mundo que somente uma ideia-limite, como a ideia de Deus, poderia fornecer⁷. Não obstante o artifício imaginativo que intenta alcançar uma possível posição pela qual os objetos seriam vistos em sua completude, Husserl assevera que mesmo Deus não poderia contrariar o modo de doação perfilática.

Se o objeto não se doasse de maneira inadequada, ele seria, portanto, dado de uma só vez, absolutamente, o que implicaria a total identificação entre ser e aparecer; conseqüentemente, não tratar-se-ia de um objeto *per se*. Reiteramos que a absolutidade, segundo Husserl, é o que define o modo de doação dos vividos – estes, não se exibem ou se perfilam, por isso são absolutos (Husserl, 1913/1950, §44). A distinção entre ser e aparecer não se aplica à consciência: o absoluto é característica daquilo que não se perfila. Retornando ao exemplo do ponto de vista de Deus, o problema que constrange a possibilidade de uma tal percepção liberada das correntes do perspectivismo residiria, justamente, na identificação entre a estrutura da percepção de objetos transcendentos, que em teoria deveriam se manifestar por perfis e a percepção de objetos imanentes, responsável pela apreensão dos vividos. Em última análise, Husserl (1913/1950, §44) julga que concluir pela ideia de que a percepção divina contrariaria a manifestação perfilática significa confundir na intencionalidade de Deus os domínios da transcendência e da imanência.

A outra componente essencial da doação perceptiva, a indeterminação, está relacionada ao fenômeno da referência dos aspectos presentes aos lados ausentes ou invisíveis do objeto. O modo de manifestação perfilático está intimamente ligado à confluência e densidade dos momentos temporais: posso assumir diferentes perspectivas possíveis em relação ao objeto⁸. Tanto a doação por perfis quanto a referência entre os aspectos visíveis e invisíveis da coisa configuram necessidades eidéticas da percepção. Quando percebo a árvore da janela de meu quarto, não percebo apenas o perfil que me é apresentado, tal como ocorre no caso de uma fotografia. É a árvore-ela-mesma que eu percebo por intermédio da manifestação perfilática. Será preciso, portanto, distinguir o caráter originário da percepção em relação a outras vivências, como aquelas que lidam com imagens ou signos. Eis a sina da percepção: apresentar o objeto em carne e osso [*leibhaft*]:

⁷ As reflexões de Husserl a respeito do modo como Deus perceberia o mundo não se configuram em uma via teológica. Seu sentido, em epistemologia, é posto como ideia limite para qual convergem as indagações sobre o conhecimento, segundo aponta Ricoeur em suas notas de tradutor (Husserl, 1913/1950, p. 142, §44).

⁸ Husserl (1913/1950, §44) faz questão de sublinhar que, no caso da percepção, a doação por perfis não é válida apenas para o domínio visual, embora sua principal fonte advinha da visão. O som de um violino que escuto de meu quarto pode parecer diferente a depender da posição, da orientação e do contexto em que me encontro.

A percepção de coisa não presentifica um não presente, como se fosse uma recordação ou uma imaginação; ela apresenta, apreende um 'algo ele mesmo' em sua presença em carne e osso [*leibhaft*]. Ela o faz em conformidade com seu sentido próprio, dela exigir outra coisa é justamente atentar contra seu sentido. Se, além disso, se trata, como aqui, de percepção de coisa, então é inerente a sua essência ser percepção perfilante; e, correlativamente, é inerente ao sentido de seu objeto intencional, da coisa enquanto dada na percepção somente ser perceptível, por princípio, mediante percepções dessa espécie, isto é, mediante percepções perfilantes (Husserl, 1913/1950, p. 140, §43).

A coisa efetivamente dada é envolta por um "horizonte de 'dados concomitantes' [*co-données*] e inautênticos e por uma 'indeterminidade' mais ou menos vaga' (Husserl, 1913/1950, p. 141, §44). Novamente, vale dizer que o enovelamento dos aspectos ausentes na presença imediata só é possível no modo de manifestação perfilática (Husserl, 1913/1950, § 44). Os vívidos não apresentam "partes ocultas", não são entremeados pelo jogo de presença-ausência, o que torna ainda mais evidente a identificação de seu ser ao seu aparecer⁹. Segundo Gurwitsch (2002), mesmo se tentar-se apreender o vívido de consciência revivendo-o, para daí extrair seus componentes escondidos, suas "partes ausentes", não haveria ainda nenhum indício de uma reprodução integral do vívido original, visto que, o novo vívido seria temporalmente distinto daquela experiência primeira. Mesmo que ambos os vívidos compartilhem a qualidade de serem percepções, por exemplo, ou atenham-se a um objeto em comum, trata-se ainda de dois atos distintos, sendo impossível aplicar a mesma lógica estruturante da manifestação perfilática. Na teoria da doação por perfis, o objeto é concebido como uma unidade na multiplicidade, o mesmo que aparece encarnado no outro, enquanto a natureza dos vívidos não comporta multiplicidade interna, porquanto todo seu ser reduz-se ao seu aparecer (Gurwitsch, 2002, p.343).

Para Husserl (1913/1950, §44), o caráter de indeterminação da percepção atual em relação aos aspectos invisíveis da coisa comporta em seu germe a possibilidade de determinar, no sentido de trazer à clareza perceptiva, aquilo que era dado de maneira inatual. A indeterminação é, nessa medida, pensada como constitutiva da presença em sua relação com a ausência e, além disso, ela se assujeita à possibilidade de princípio de ser determinada por um ato que apreenda o vago e o inatual sob a forma de atualidade e presença. De acordo com o autor: "Essa indeterminabilidade significa necessariamente *determinabilidade segundo um estilo firmemente prescrito*" (Husserl, 1913/1950, p. 141, § 44, grifos do autor). No indeterminado já se anuncia uma certa gama de possibilidades perceptivas que se entrecruzam fornecendo a unidade do objeto. A percepção frontal de um edifício, por exemplo, já é prenhe de referências às outras possíveis percepções que me fariam ver sua parte traseira, ou o prédio visto de longe etc. No desvelamento do

⁹ Cabe frisar que o posicionamento de Husserl em relação à tese do caráter adequado da percepção imanente é abandonado, por exemplo, em *Meditações Cartesianas* (Husserl, 1931/2001).

processo perceptivo, aquilo que se encontra como indeterminado se torna gradualmente iluminado e passa então a ocupar o lugar de dado efetivo e, o que antes se encontrava como dado atual recua ao domínio do indeterminado. Toda determinação é a doação figurativa daquilo que, em algum momento, era indeterminado. A correlação entre coisa e percepção de coisa é, nesse sentido, infinita. A unidade da coisa emerge no jogo entre determinação e indeterminação, o que significa que o sentido da relação entre coisa e percepção de coisa é caracterizado, nas palavras de Husserl, por uma “imperfeição indefinida” (Husserl, 1913/1950, p. 142, §44).

O estatuto da inadequação sob o viés da crítica contemporânea

Segundo Granel (1968/2012), a centralidade ocupada pela noção de *Abschattung* na fenomenologia da percepção não se dá só em razão de sua importância metodológica para a descrição da coisa percebida. A relevância de sua posição no interior da reflexão fenomenológica envolve também todo o campo de problemas aberto pela forma com a qual Husserl concebe a inadequação do percebido. A seguir, destacamos alguns comentários críticos ao “perspectivismo” husserliano, cujo núcleo problemático seria identificado como a maneira pela qual Husserl concebe a inadequação perceptiva no horizonte de uma adequação ideal ou possível do objeto.

Autores situados em uma orientação merleau-pontyana (Barbaras, 1998/2019; Bimbenet, 2011) tendem a salientar a incapacidade da teoria das *Abschattungen* em pensar a inadequação perceptiva de maneira positiva. Explicitando o que mencionamos acima, Husserl é acusado de fazer repousar o tema da inadequação naquele da adequação, o que acarreta considerar o perspectivismo sob o estigma de uma “imperfeição” (Husserl, 1913/1950, §44).

Os vividos são adequados porque seu aparecer não é condicionado pela doação perspectiva. A coisa, ou os objetos espaciais, a seu turno, são inadequados pois sua aparição traz em si a possibilidade do engano e do não-ser. Inadequação e adequação são conceitos herdeiros do processo da dúvida – um designa a dubitabilidade que assombra o ser da coisa, o outro se refere à primazia do ser da consciência; neste imbróglio, a coisa torna-se “frágil” (Bimbenet, 2012, p. 260). Para estes autores, no fundo, o sentido das *Abschattungen*, tal como preconizado por Husserl, é negativo; o inadequado é concebido sempre em oposição e sob o horizonte de uma adequação possível. O trecho de *Ideias I* em que transparece o problema em questão é o seguinte:

A todo objeto ‘verdadeiramente existente’ corresponde por princípio (no *a priori* da generalidade eidética incondicionada) a ideia de uma consciência possível, na qual o próprio objeto é apreensível originariamente e, além disso, em perfeita adequação. Inversamente, se essa possibilidade é garantida, o objeto é *eo ipso* verdadeiramente existente (Husserl, 1913/1950, p. 296, § 142).

Logicamente, Husserl reconhece que a adequação da coisa espacial jamais pode ser dada no modo de apreensão atual; porém, se a relação entre coisa e percepção de coisa é, em princípio, infinita em possibilidades de exploração, logo, é prevista a possibilidade de uma apreensão em “perfeita adequação”. Conforme nota Barbaras (1998/2019), a semântica da inadequação ou da imperfeição preserva o horizonte de uma adequação ideal, pela qual o objeto seria dado fora do regime perspectivo, contrariando, portanto, aquilo que é característico da doação por perfis: o excesso.

Nessa mesma direção, o autor aponta a necessidade de pensar o problema da inadequação a partir de um esquema que não diferencie o modo de doação da subjetividade do modo de doação do mundo (Barbaras, 1998/2019). Uma tal necessidade se motiva tendo em vista que a manutenção da distinção entre o modo de aparecer dos vividos e o modo de doação do mundo termina por fundar a correlação em um processo de significação, a partir da posição da consciência na constituição do sentido, em vez de compreender o sentido em sua relação com o sensível. A seguinte passagem, de Bimbenet, fornece uma espécie de síntese do núcleo problemático da concepção Husserliana de *Abschattungen*:

A doutrina dos perfis é o próprio tipo de definição da percepção do ponto de vista do pensamento puro: estabelecer que o sensível se estende “num diverso ininterrupto de aparências e perfis”, significa anunciar um menos-ser, condenando o fato de que em todo momento o espetáculo pode revelar-se incoerente e ilusório. Tal definição do sensível, como se sabe, desenvolve-se em uma relação de oposição com o modo de ser da consciência: ao passo que o percebido se dá por perfis fluidos, a consciência, ao contrário, ao refletir percebe-se necessária, não podendo não ser no momento em que vive (Bimbenet, 2012, p. 256).

Em síntese, esse apanhado crítico sustenta que a forma como Husserl concebe a inadequação do objeto percebido nos mostra que o perspectivismo das *Abschattungen* é ao mesmo tempo frutífero e problemático. Frutífero devido a seus esforços para compreender o casamento entre inadequação e presença; problemático porque a inadequação do objeto, entendida como contrapartida da adequação dos vividos, fornece uma concepção “frágil” do sensível. A tese da contingência do mundo alimenta aquela da indubitabilidade da consciência.

A tese do mundo, que é uma tese ‘contingente’, contrapõe-se’, portanto, à tese de meu eu puro e da vida do eu, que é uma tese ‘necessária’, pura e simplesmente indubitável. Toda coisa dada em carne e osso também pode não ser, mas não um vivido dado em carne e osso: tal é a lei de essência que define essa necessidade e aquela contingência (Husserl, 1913/1950, p. 151, §46).

No quadro geral da teoria da percepção desenvolvida por Husserl em *Ideias I*, temos que o perspectivismo da análise eidética, dedicada à circunscrição da essência da doação perceptiva, esclarece-se mediante os esforços de distinção entre imanência e transcendência. No interior dessa díade, o problema da percepção de

coisa revela-se ainda mais paradigmático, porquanto ele mostra que o ser da coisa se doa, se exhibe ou se mostra de maneira essencialmente perspectiva, ao passo que o ser da consciência é absoluto e não-perfilado.

Considerações Finais

Sob a denominação “perspectivismo”, visamos exprimir a armação conceitual que sustenta a teoria de doação por perfis, elaborada por Husserl, parte fundamental do edifício fenomenológico de descrição da percepção em *Ideias I*.

Vimos que a discussão do perspectivismo perceptivo alcança seu auge no momento em que Husserl explicita o modo de doação das coisas espaciais em oposição ao modo absoluto de ser da consciência. Este seria o objetivo mesmo do filósofo no livro: demonstrar a singularidade do ser da consciência.

Antes, porém, de examinar a doação perceptiva nos parágrafos §41 a §44, notamos que o perspectivismo aparece em discussões relativas à diferença entre fato e essência, assim como também ganha espaço no momento em que Husserl caracteriza a inserção do sujeito na realidade e sua adesão à atitude natural.

Desde a abordagem da atitude natural, esta tese implícita que exerce uma espécie de transe epistemológico nos atos de consciência, esquecidos de sua própria participação na constituição da realidade que julgam apenas roçar, configura-se o germe daquilo que será o coração da teoria da percepção de Husserl, a saber, a ideia de que o real só pode sê-lo, à medida que é lacunar, perspectivo e contingente.

Vejo o mundo “de meu ponto de vista”, mas essa afirmação, entendida sob a tutela do programa fenomenológico de Husserl, não é suficiente para, apressadamente, acusarmos seu pensamento de solipsista. O objeto que vejo não se conforma apenas ao lado que me é apresentado. A doação perfilática não implica que eu veja apenas o perfil do objeto. Há sempre um “mais” na percepção e é este excesso que garante a objetividade do real. Em Husserl, o real não é aquilo que se esconde por detrás da aparência perceptiva – ele é precisamente essa capacidade de variação. Quando passamos da análise da atitude natural para a análise do modo de doação da coisa à consciência, temos que, para Husserl, a coisa se mostra perspectivamente por uma necessidade de essência. Não se trata de um defeito da experiência; não somos “incapazes” de ver o objeto em 360º graus. Se tal coisa fosse possível, não estaríamos mais falando de uma experiência perceptiva.

O estudo do perspectivismo, neste trabalho, limitou-se às reflexões de Husserl sobre a atitude natural, a atitude fenomenológica e à eidética da coisa e dos vividos de consciência. Não adentramos no campo aberto pela intencionalidade noético-noemática, uma vez que isto transcenderia os limites deste artigo. Contudo, sinalizamos que um trabalho a respeito do que seria o “perspectivismo” após aplicação da redução transcendental está em vias de elaboração.

Referências

- Barbaras, R. (2019). *Le tournant de l'expérience: recherches sur la philosophie de Merleau-Ponty*. Vrin. (Original publicado em 1998).
- Bimbenet, E. (2011). *L'animal que je ne suis plus*. Gallimard.
- Bimbenet, E. (2012). Como seria ver como um humano? *dois pontos*, 9(1), 251–265.
- English, J. (2009). *Le vocabulaire de Husserl*. Ellipses.
- Granel, G. (2012). *Le sens du temps et de la perception chez E. Husserl*. Gallimard. (Original publicado em 1968).
- Gurwitsch, A. (1957) *Théorie du champ de la conscience*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Gurwitsch, A. (2002). *Esquisse de la phénoménologie constitutive*. Vrin.
- Husserl, E. (1950). *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures*. Gallimard. (Original publicado em 1913).
- Husserl, E. (1963) *Recherches logiques, tome troisième: éléments d'une élucidation phénoménologique de la connaissance*. (Trad. H. Élie; L. Kelkel & R. Schérer). Paris, France: PUF. (Original publicado em 1901)
- Husserl, E. (2001). *Méditations cartésiennes: introduction à la Phénoménologie*. Paris, França: Vrin. (Original publicado em 1931)
- Husserl, E. (2006) *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. (M. Suzuki, trad.). Aparecida, SP: Ideias & Letras. (Original publicado em 1913)
- Sokolowski, R. (2004) *Introdução à fenomenologia* (A. O. Moraes, Trad.). São Paulo: Loyola.
- Verissimo, D. (2016). A teoria husserliana da doação perceptiva por perfis. *Psicologia USP*, 27(3), 521-530. <https://10.1590/0103-656420150043>.

Nota sobre os(as) autores(as):

Pedro Henrique Santos Decanini Marangoni é doutor em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras – UNESP Campus Assis. E-mail: pedro.marangoni@yahoo.com.br

Danilo Saretta Veríssimo é professor do Departamento de Psicologia Social da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP Campus Assis. E-mail: danilo.verissimo@gmail.com

Data de submissão: 28.02.2023

Data de aceite: 20.11.2023